



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Proprietário da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Federado e administrado - Calçada do Círculo, 26-A, 2.<sup>o</sup>

Lisboa - PORTUGAL

Estr. telegr. Lisboa - Lator - Telefone?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

## O fracasso da intervenção

Tivemos há duas semanas mais uma das cambiantes manifestações daquela política aos bordos em que se celebrizou Lloyd George, "imperialista ferrenho com modos de clérigo embriagado", segundo a definição de Trótski.

Já em 16 de Janeiro, perante o Supremo Conselho de Paris, o primeiro ministro inglês classificava de loucura a simples ideia de esmagar o bolchevismo pela força militar, e de desumanidade o bloqueio de cento e cinquenta milhões de criaturas de ambos os sexos e de todas as idades - bloqueio que para ele era, não o "cordão sanitário", mas o "cordão da morte". Só havia um meio: chamar aquela gente a Paris para presar contas dos seus actos.

Agora, confessando sem regozijo o fracasso da intervenção e a impotência da contra-revolução russa, Lloyd George retoma aquela atitude. "O bolchevismo, com as suas perigosas doutrinas, não pode ser suprimido pela espada". Desse o armistício, foi a contra-revolução socorrida com cento e cinquenta milhões de libras, em dinheiro e em material: ora, não é possível persistir em tais dispendiosas generosidades, a lançar na conta de lutas e perdas.

E depois, a Rússia é o país das surpresas: não se pode prever a seu respeito. E também um atoleiro - o atoleiro em que se enterrou o imperialismo napoleônico, aonde os exércitos do Kaiser foram buscar os mísulas revolucionários. Lloyd George vê o perigo: "As nossas tropas estão fora da Rússia. Francamente, estou contente. A Rússia é um areal movendo. Fácilmente se ganham lá vitórias, mas a gente ainda-se nas vitórias, e grandes exércitos e grandes impérios do passado se submergiram nas areias de triunfos estériles. A Rússia é um país em que é perigoso invadir. Experimentámo-lo na Crimeia. Mais fios ao instinto que sempre nos salvou, nunca nos afastámos do mar, e daí pudemos desenvolver-nos."

E agora, o astuto político procura levar a burguesia inglesa a desenvolver-se do mau passo. E' preciso pôr termo à guerra em metade da Europa e em quase metade da Ásia: sem a Rússia pacificada não podemos ter paz alguma - teremos antes a revolução, queria ele dizer.

E há outras razões, muito curiosas naquela boca, após quatro anos de matança e destruição: o mundo não pode consentir na continuação das "crueldades, represálias e contra-represálias, das guerras civis", e das intermináveis "devastações num país que é essencial à prosperidade do mundo".

Não é, pois, por termos o complacêncio para com os bolcheviques que o chefe do governo britânico fala aos representantes da burguesia insular. Ele fuma, aliás, todas as precauções oratórias, sempre receoso das potências financeiras e jornalísticas, das arremetidas do Northcliffe e das intrigas de Churchill. Não, dos cento e milhares gastos na Rússia, "sem um só vintém é lamenteável".

O que se fez foi para habilitar os filhos da Rússia aliada a manterem-se e a libertarem-se pelo seu próprio esforço... E aí dizer isto, Lloyd George nem presta. Os testemunhos insuspeitos sobre a opinião da imensa maioria da população russa, favorável ao bolchevismo e sobretruída contra os avançados tsaristas, e os continuos fracassos destes, apesar de largamente municiados e abastecidos por todas as oligarquias dominantes, nada disso conta a imperturbável desfaçanha destes supremos regedores de povos!

Lloyd George fala em "atração". Acusa os bolcheviques de terem traído

Nuno VASCO

que eu não creio que o mundo novo, em marcha possa, já agora, ser detido.

Que eu não creio que o mundo novo, em marcha possa, já agora, ser detido.

Nuno VASCO

panha um crédito de duzentos milhões de rublos. Só em Moscovo, organizou ele nove mil leitos de hospitais para os feridos, e no governo de Moscovo mais de dez mil.

Por toda a parte se aplicaram medidas especiais para facilitar a higiene do corpo, sendo abertos banhos, lavandas e estabelecimentos de desinfecção, postos à disposição gratuita do público.

O comissariado favoreceu ao mesmo tempo a iniciativa médica no domínio da sororopatologia e da vacina antitífica.

Instituiu-se uma comissão de estudos tifícos, com créditos extraordinários. E a 3 de Julho, realizou-se uma sessão solene da Sociedade de bacteriologia, na qual o famoso sábio Martínskij, leu um relatório histórico sobre os trabalhos que o levaram ao descobrimento do micróbio do tifo exantemático. A epidemia está hoje terminada.

Contra a variola, levou-se a cabo a vacinação geral, medida que se considerava inaplicável na Rússia. Distribuiu-se largamente vacina e abriram-se cursos de vacinação.

O sr. Gompers, cujo nome é bem conhecido do outro lado do Atlântico, acaba de dizer, num discurso recente, que "a votação dessa lei teve consequências lamentáveis sobre os operários, cujos hábitos foram completamente transformados. Em vez de abançar diante do seu copo de cerveja, uma vez acabado o seu dia de trabalho, o operário assiste agora a comícios..."

E o sr. Gompers achou que a proibição do álcool na Rússia contribuiu para o aparecimento do bolchevismo!

Este figurão, célebre lacaião da plutocracia norte-americana, define-se bem, preferindo o bar ao comício e o álcool ao bolchevismo!

Na verdade, o bolchevismo dá-se mal com o álcoolismo e a prostituição, que ele quasi desaparecer da Rússia.

Bárbaros...

O tifo na Rússia Depois da gripe, apareceu na Rússia o tifo, que alcançou a primavera desse ano. Apesar do número considerável de doentes, a mortalidade manteve-se extraordinariamente baixa, atingindo apenas seis por cento.

O comissariado empregou nesta cam-

panha um crédito de duzentos milhões de rublos. Só em Moscovo, organizou ele nove mil leitos de hospitais para os feridos, e no governo de Moscovo mais de dez mil.

Por toda a parte se aplicaram medidas especiais para facilitar a higiene do corpo, sendo abertos banhos, lavandas e estabelecimentos de desinfecção, postos à disposição gratuita do público.

O comissariado favoreceu ao mesmo tempo a iniciativa médica no domínio da sororopatologia e da vacina antitífica.

Instituiu-se uma comissão de estudos tifícos, com créditos extraordinários. E a 3 de Julho, realizou-se uma sessão solene da Sociedade de bacteriologia, na qual o famoso sábio Martínskij, leu um relatório histórico sobre os trabalhos que o levaram ao descobrimento do micróbio do tifo exantemático. A epidemia está hoje terminada.

Contra a variola, levou-se a cabo a vacinação geral, medida que se considerava inaplicável na Rússia. Distribuiu-se largamente vacina e abriram-se cursos de vacinação.

O sr. Gompers achou que a proibição do álcool na Rússia contribuiu para o aparecimento do bolchevismo!

Este figurão, célebre lacaião da plutocracia norte-americana, define-se bem, preferindo o bar ao comício e o álcool ao bolchevismo!

Na verdade, o bolchevismo dá-se mal com o álcoolismo e a prostituição, que ele quasi desaparecer da Rússia.

Bárbaros...

Conferências

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na R. Almeida e Souza, à Escola, a 5.ª conferência sobre "As questões sociais na literatura". O conferente

é o sr. dr. Câmara Rego.

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

os Aliados! Os bolcheviques, que eram contra os todos imperialismos e que eram o mais alto exemplo de desfidelidades principais sempre professados e às promessas sempre formuladas! Traidores teriam sido, bandeando-se com um dos imperialismos em luta, faltando aos compromissos sagrados que o socialismo assumira perante o povo trabalhador, perante a humanidade. E então não teriam feito, não teriam iniciado uma revolução: teriam dado um assalto.

E quem ousa falar em traição? Aquelas que tudo trazem - principios e promessas - quando a vitória lhes entregou nas mãos o senhorio do mundo?

Que é feito do "tipo único de direito para todos os povos", após uma paz em que subsiste a doutrina de Monroe para uns e para outros o intervencionismo brutal, em que uns estados continuam a ter colônias e outros são delas privados, em que todas as coações são exercidas sobre os vencidos e sobre os povos em revolução?

Que é feito da justa e definitiva solução dos problemas nacionais e do direito de auto-decisão dos povos, numa Europa em que a Áustria é impedida de se juntar à Alemanha, a bacia do Sarre é dada à França, a Rússia e a Hungria são invadidas e violentadas, e sete milhões de estrangeiros: não consultados nem ouvidos, são anexados a cinco Estados, como disse, no parlamento de Roma, o ministro Tittóni?

Que é feito da liberdade dos mares, cada vez mais disputados pelas grandes potências marítimas, numa nova porta de armamentos navais?

Que é feito da extinção da diplomacia secreta e do sistema das alianças, fora da grande família universal que havia de ser a Liga das Nações, num mundo em que tudo é regulado em círculos e intrigas obscuras, em que há povos votados ao oportismo e impõem a nova tríplice anglo-franco-americana?

Que é feito da paz estável e duradoura, da paz completa e sem questões litigiosas, num arranjo internacional em que se multiplicaram os irreconciliáveis e as Aliações-Lóquias, que hoje se chamam Sarre, Dantzig, os Sudetos, Tschescen, o Banato da Temesvar, Xanthu,

E depois, a Rússia é o país das surpresas: não se pode prever a seu respeito. E também um atoleiro - o atoleiro em que se enterrou o imperialismo napoleônico, aonde os exércitos do Kaiser foram buscar os mísulas revolucionários. Lloyd George vê o perigo: "As nossas tropas estão fora da Rússia. Francamente, estou contente. A Rússia é um areal movendo. Fácilmente se ganham lá vitórias, mas a gente ainda-se nas vitórias, e grandes exércitos e grandes impérios do passado se submergiram nas areias de triunfos estériles. A Rússia é um país em que é perigoso invadir. Experimentámo-lo na Crimeia. Mais fios ao instinto que sempre nos salvou, nunca nos afastámos do mar, e daí pudemos desenvolver-nos."

E agora, o astuto político procura levar a burguesia inglesa a desenvolver-se do mau passo. E' preciso pôr termo à guerra em metade da Europa e em quase metade da Ásia: sem a Rússia pacificada não podemos ter paz alguma - teremos antes a revolução, queria ele dizer.

E há outras razões, muito curiosas naquela boca, após quatro anos de matança e destruição: o mundo não pode consentir na continuação das "crueldades, represálias e contra-represálias, das guerras civis", e das intermináveis "devastações num país que é essencial à prosperidade do mundo".

Não é, pois, por termos o complacêncio para com os bolcheviques que o chefe do governo britânico fala aos representantes da burguesia insular. Ele fuma, aliás, todas as precauções oratórias, sempre receoso das potências financeiras e jornalísticas, das arremetidas do Northcliffe e das intrigas de Churchill. Não, dos cento e milhares gastos na Rússia, "sem um só vintém é lamenteável".

O que se fez foi para habilitar os filhos da Rússia aliada a manterem-se e a libertarem-se pelo seu próprio esforço... E aí dizer isto, Lloyd George nem presta. Os testemunhos insuspeitos sobre a opinião da imensa maioria da população russa, favorável ao bolchevismo e sobretruída contra os avançados tsaristas, e os continuos fracassos destes, apesar de largamente municiados e abastecidos por todas as oligarquias dominantes, nada disso conta a imperturbável desfaçanha destes supremos regedores de povos!

Lloyd George fala em "atração". Acusa os bolcheviques de terem traído

Nuno VASCO

que eu não creio que o mundo novo, em marcha possa, já agora, ser detido.

Que eu não creio que o mundo novo, em marcha possa, já agora, ser detido.

Nuno VASCO

panha um crédito de duzentos milhões de rublos. Só em Moscovo, organizou ele nove mil leitos de hospitais para os feridos, e no governo de Moscovo mais de dez mil.

Por toda a parte se aplicaram medidas especiais para facilitar a higiene do corpo, sendo abertos banhos, lavandas e estabelecimentos de desinfecção, postos à disposição gratuita do público.

O comissariado favoreceu ao mesmo tempo a iniciativa médica no domínio da sororopatologia e da vacina antitífica.

Instituiu-se uma comissão de estudos tifícos, com créditos extraordinários. E a 3 de Julho, realizou-se uma sessão solene da Sociedade de bacteriologia, na qual o famoso sábio Martínskij, leu um relatório histórico sobre os trabalhos que o levaram ao descobrimento do micróbio do tifo exantemático. A epidemia está hoje terminada.

Contra a variola, levou-se a cabo a vacinação geral, medida que se considerava inaplicável na Rússia. Distribuiu-se largamente vacina e abriram-se cursos de vacinação.

O sr. Gompers achou que a proibição do álcool na Rússia contribuiu para o aparecimento do bolchevismo!

Este figurão, célebre lacaião da plutocracia norte-americana, define-se bem, preferindo o bar ao comício e o álcool ao bolchevismo!

Na verdade, o bolchevismo dá-se mal com o álcoolismo e a prostituição, que ele quasi desaparecer da Rússia.

Bárbaros...

O tifo na Rússia Depois da gripe, apareceu na Rússia o tifo, que alcançou a primavera desse ano. Apesar do número considerável de doentes, a mortalidade manteve-se extraordinariamente baixa, atingindo apenas seis por cento.

O comissariado empregou nesta cam-

panha um crédito de duzentos milhões de rublos. Só em Moscovo, organizou ele nove mil leitos de hospitais para os feridos, e no governo de Moscovo mais de dez mil.

Por toda a parte se aplicaram medidas especiais para facilitar a higiene do corpo, sendo abertos banhos, lavandas e estabelecimentos de desinfecção, postos à disposição gratuita do público.

O comissariado favoreceu ao mesmo tempo a iniciativa médica no domínio da sororopatologia e da vacina antitífica.

Instituiu-se uma comissão de estudos tifícos, com créditos extraordinários. E a 3 de Julho, realizou-se uma sessão solene da Sociedade de bacteriologia, na qual o famoso sábio Martínskij, leu um relatório histórico sobre os trabalhos que o levaram ao descobrimento do micróbio do tifo exantemático. A epidemia está hoje terminada.

Contra a variola, levou-se a cabo a vacinação geral, medida que se considerava inaplicável na Rússia. Distribuiu-se largamente vacina e abriram-se cursos de vacinação.

O sr. Gompers achou que a proibição do álcool na Rússia contribuiu para o aparecimento do bolchevismo!

Este figurão, célebre lacaião da plutocracia norte-americana, define-se bem, preferindo o bar ao comício e o álcool ao bolchevismo!

Na verdade, o bolchevismo dá-se mal com o álcoolismo e a prostituição, que ele quasi desaparecer da Rússia.

Bárbaros...

Conferências

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na R. Almeida e Souza, à Escola, a 5.ª conferência sobre "As questões sociais na literatura". O conferente

é o sr. dr. Câmara Rego.

## A POPULAÇÃO DE LISBOA

### Contra os senhores dominantes

Não pode o povo de Lisboa conservar-se alheio às manifestações de protesto que a União dos Sindicatos Operários, como legítima representante do proletariado organizado, vem levando a efeito contra os sordidos senhores que, sofismando a lei do inquilinato, estão, com a aqüiescência, senão com a cumplicidade do governo e das autoridades

## AS 8 HORAS DE TRABALHO

## Empregados no Comércio

As conseguem dissipar, na assembleia, a tristeza vivida de há pouco, encerrando a ser conquistada pelo reitor, Olavo para o reitor: 16.20. E os trabalhos que só acabam às 18 horas...

A questão ferroviária continua a preocupa os congressistas. A discussão arrasta-se durante alguns quartos de hora, sendo bastantes os oradores que consoem os dez minutos avaramente concedidos pela presidência, no relato de peripécias porque tem passado com a expedição de mercadorias. O sr. Sérgio Príncipe, batinhado, atarracado, de faces lúdicas, e que entre carne e gorduras, estão estas em maior quantidade, como relata a tese defendida o seu trabalho. Mede as palavras, procura calcular o efeito que elas fazem na assembleia e a sua voz cantante sacode o auditório, que insensivelmente se deixou invadir por beatafica sonoridade.

## Os congressistas sem casa — Reclamações a entregar ao parlamento.

Nisto chega uma triste nova: o sr. Luiz Galhardo não pôde hoje, segunda-feira, dispor do teatro e por isso os congressistas, muito desalentados, deliberaram acolher-se às pequenas salas da Associação dos Lojistas, onde hoje os trabalhos se prosseguirão pela 1 hora. Ainda se tomou outra resolução grave: que os delegados vão hoje pelas 10 horas entregar as suas reclamações ao Parlamento, acrescentando o sr. Apolinário Pereira, sacudindo-se dentro do seu vasto e negro frac, que nessa manifestação não seriam necessárias bandeiras vermelhas e vivas porque se trata de gente decente...

## A discussão das últimas duas teses

Muitos congressistas, julgando os trabalhos terminados, preparam a retirada, ouvindo-se um bater de cadeiras. O sr. Apolinário Pereira, muito apodado, avverte-os de que ainda mais alguma coisa há a fazer e eles então voltam à anterior quietude, enterrando-se com uma resignação verdadeiramente evangélica nas cadeiras. O que resta é a discussão das últimas teses: *Expediente Admancio e Meios de ação para promover o progresso da classe patronal integrado na economia pública*. O relator da primeira destas teses, faz a sua defesa, aproveitando um detalhe do seu trabalho para novas estocadas dirigidas às 8 horas. Quanto ao resto faz ressaltar a irregularidade e incongruências existentes nas alfanegas, justificando as medidas que, quanto a ele, a situação melhorariam.

São 17.30; aproxima-se o momento dos congressistas abandonarem a sala, devido ao que a discussão destas teses é pouca, falando apenas os sr. Francisco de Souza, que apresenta várias propostas e alívios respeitantes às instalações indiana em Peropinheiro, e Marques Pinto, que fala sobre o serviço de encomendas postais entre Lisboa e o norte.

Finalmente! Entra-se na apreciação da última tese, em cujas conclusões se estabelece a constituição da Federação das Associações Patronais e a fundação dum "grande jornal, organizado dentro das fórmulas modernas que, sendo o órgão das classes patronais, seja ao mesmo tempo uma força de opinião". O relator, sr. Alfredo Augusto Ferreira, diz que os patrões, ao contrário dos assalariados, não tem nem uma casa para reunir. Apesar da imprensa apoiar — segundo diz — o patronato, é necessário que tenha um órgão diário na imprensa. Conta o orador que um importante industrial ofereceu o dinheiro necessário para fundação dum periódico desse gênero. Vê nisso um incentivo para a fundação dumha casa comum para as associações patronais. Os governos tem transigido perante a força organizada dos assalariados, quanta vez contra o próprio pensamento, afirma. Relata que o actual presidente do ministério, declarou a uma comissão que não concordava com a lei das 8 horas, e que a aceitaria levado pela força das circunstâncias, acrescentando: é preciso secundar o governo, de forma a ele contar com o apoio do patronato quando seja ameaçado pôr a rua ou por alguma classe desvairada.

As reclamações das classes assalariadas, quando justas e consentâneas com a forma de pensar do patronato — continua o orador — devem ser bem aceites porque éste com essa transigência bastante ganhará. Defende a representação das classes no parlamento, dizendo que a guerra trouxe uma modificação na psicologia universal e nas formas de governar. Tem-se feito, uma guerra enorme ao comércio e à indústria, temos coberto de lamen e infamias. Os assalariamentos e outras negociações industriais que o orador classifica de *utilitários* e não pelos comerciantes e industriais de ofício.

O sr. Ribas de Avelar, com a sua voz clara, afirma que o operariado está muito bem organizado que o patronato, sendo necessário que isso termine e que, quando dumha futura reunião não seja bom que não se levantem tantas dificuldades como o presente congresso ocaçõe.

Não considera fácil a fundação dum jornal, porque um indivíduo nunca divide a sua qualidade de político dos seus interesses económicos. O comércio de Lisboa tem um jornal, mas não faz uso dele. O operariado, muito mais bem organizado que os patrões — repis o orador — tem um excelente jornal que se publica há muitos anos: *A Voz do Operário*. A aspiração do jornal é legítima; desde que existe o *Jornal do Comércio*, que ele ocupe a situação a que tem jus. A fundação dum jornal é de tal magnitude, que duvida da sua realização. Quanto à ideia da aquisição dumha casa para sede da Federação das Associações Patronais, aprofia-a plenamente.

Em face do discurso do sr. Ribas de Avelar, volta o relator a usar da palavra, procurando rebater algumas das suas considerações. Um outro congressista, o sr. Marques Pinto, descobre que já existe a federação patronal: a União da Agricultura, Comércio e Indústria, o que deixa o auditório estupefacto!

São 18 horas! Finalmente! Os congressistas saem apressadamente e nós, dobrando filosoficamente os *linguados* enegrecidos de tinta, saímos não menos rapidamente, um pouco surpreendidos por assistirmos a um congresso na verdade tam pouco substancioso...

deste concelho aquela casa e para lhe servir de instrução, o que ficou aprovado, procurando todos os meios para a conseguir.

Esta União está tratando do funcionamento do tribunal de Arbitragem, para o que oficiou à câmara municipal deste concelho, à qual respondeu tratar da sua organização, a fim de que possa funcionar o mais breve possível.

Os sindicatos vão nomear os seus delegados para este fim.

Na vizinha vila de Fafe a associação dos trabalhadores tem empregado todos os esforços para que o decreto 5516 seja executado fielmente.

A comissão de vigilância tem evitado em diversas partes que a lei seja ultrajada.

Como esta comissão intervém numas horas dum tal er. Ezequiel da Silva e Castro, procurando por meios delicados que os operários ao seu serviço abandonassem o trabalho à hora regular, azeite selvagem dirigiu-se a referida comissão em atitude agressiva, pelo que os camaradas que dela faziam parte mostraram que não temiam tais ameaças. Como alguém aconselhou a comissão a retirar para evitar alteração da ordem, aquela fúria perseguiu-se de que as suas ameaças asustaram os referidos camaradas vendo que elas se retravam, avançou sobre elas com toda a sua colera, mas retendo logo que viu os casos mal parados. Que se lembre esse ignorante que os operários que ele julga inofensivos e covardes ainda tem força para resistir à sua colera; que se retravam foi para evitá-las.

Assim, para a manutenção dessa cosinha.

A Associação de Classe dos Empregados de cafés, restaurantes e hoteis do Porto acaba de dar o seu apoio e protesta energicamente contra a atitude dos patrões.

## Profissionais culinários

Esta classe continua em sessão permanente e encontra-se cada vez mais firme e unida, de forma a não abdicar das suas reivindicações e da regalia já concedida pela regulamentação do decreto das 8 horas de trabalho.

Desde ontem que, na T. d'Água de Fafe, 20-21, funciona a cosinha comunista, para dela se utilizarem os mais necessitados desta classe, para o que deverão requisitar as respectivas seções na sede desta associação.

Importantes ofertas tem já sido feitas para a manutenção dessa cosinha.

A Associação de Classe dos Empregados de cafés, restaurantes e hoteis do Porto acaba de dar o seu apoio e protesta energicamente contra a atitude dos patrões.

## EM GUIMARÃES

A U. S. O. de Lisboa e as 8 horas — "Démarches" junto do administrador do concelho — Várias

GUIMARÃES, 21. — Como havia ficado resolvido efectuarem-se ontem uma reunião dos delegados e direções dos sindicatos aderentes a esta União.

Entre outros assuntos o que provocou maior discussão foi o horário do trabalho.

A U. S. O. oficiou, por vezas, ao administrador do concelho e atô ao governador civil do distrito de Braga, fazendo-lhe sentir a forma como se estende desrespeitando o decreto 5.516.

As autoridades aludidas pouco ou nada se incomodaram com o caso, razão porque o horário aqui tem sido atropelado por toda a parte.

Em face desta brincadeira a U. S. O. resolviu oficiar de novo ao administrador do concelho, mas em nome das Associações Operárias desta cidade, pedindo-lhe para atender a comissão para tal fim nomeada, no domingo último, 16 do corrente, visto durante a semana não puderem dispor de tempo algum, pois que precisam cumprir a sua reunião para com os seus deveres para com os patrões.

Desta vez, esse funcionário dignou-se responder ao ofício que recebeu, dizendo que se dispunha a receber a comissão no dia em que pedira, desde as 15 horas em diante. Chegada a hora, a comissão dirigiu-se à administração do concelho, onde lhe fez sentir a forma como se estava transgredindo o decreto 5.516, pedindo providências sobre o caso a fim de que se fizesse cumprir a lei integralmente.

O administrador declarou à comissão que, apesar de tudo, agora se torna urgente, é lembrar a todos os patrões que no dia 1 de Novembro entraram em vigor uma lei, outorgando ao proletariado em geral o dia máximo de 8 horas de trabalho. Tanto na indústria como no comércio, continuam os operários das fábricas trabalhando de sol a sol, e nãas oficinas, tais como sapateiros, artesãos, etc., a fazer serão até às 22 e 23 horas, e o comércio a abrir às 8 horas.

Diz o sr. Sá Cardoso ter já ordenado a todos os governadores civis que fizessem cumprir a lei. Se tal ordenou, o seu delegado aqui neste bruto não atacou as suas ordens, pois que os operários em algumas fábricas tem pugnado junto dos industriais pelo cumprimento do referido decreto, respondendo estes que, por enquanto, não tem ordens do governo, para o fazer pôr em prática.

Por isso, julgamos conveniente que o organismo representativo da classe trabalhadora de Tras-os-Montes, envide de alguns esforços para que aqui e noutras povoações de regular população operária, se faça cumprir a nova reunião.

Nós bem compreendemos que nada pode fazer uma instituição operária sem o concerto dos próprios interessados, ou a sua ação directa e decidida; mas, considerando o achaamento e a falta de espírito de independência de que ainda enferma a maioria dos operários das aldeias, achamos lógico que uma instituição criada para desenvolver alguma ação reivindicadora dê sinal de vida a aquelas que, muito a seu contento, aí concorrem a um esforço de trabalho.

O que, apesar de tudo, agora se torna urgente, é lembrar a todos os patrões que no dia 1 de Novembro entraram em vigor uma lei, outorgando ao proletariado em geral o dia máximo de 8 horas de trabalho. Tanto na indústria como no comércio, continuam os operários das fábricas trabalhando de sol a sol, e nãas oficinas, tais como sapateiros, artesãos, etc., a fazer serão até às 22 e 23 horas, e o comércio a abrir às 8 horas.

Diz o administrador declarou a comissão que não concordava com a lei das 8 horas, e que a aceitaria levado pela força das circunstâncias, acrescentando: é preciso secundar o governo, de forma a ele contar com o apoio do patronato quando seja ameaçado pôr a rua ou por alguma classe desvairada.

As reclamações das classes assalariadas, quando justas e consentâneas com a forma de pensar do patronato — continua o orador — devem ser bem aceites porque éste com essa transigência bastante ganhará. Defende a representação das classes no parlamento, dizendo que a guerra trouxe uma modificação na psicologia universal e nas formas de governar. Tem-se feito, uma guerra enorme ao comércio e à indústria, temos coberto de lamen e infamias. Os assalariamentos e outras negociações industriais que o orador classifica de *utilitários* e não pelos comerciantes e industriais de ofício.

O sr. Ribas de Avelar, com a sua voz clara, afirma que o operariado está muito bem organizado que o patronato, sendo necessário que isso termine e que, quando dumha futura reunião não seja bom que não se levantem tantas dificuldades como o presente congresso ocaçõe.

Não considera fácil a fundação dum jornal, porque um indivíduo nunca divide a sua qualidade de político dos seus interesses económicos. O comércio de Lisboa tem um jornal, mas não faz uso dele. O operariado, muito mais bem organizado que os patrões — repis o orador — tem um excelente jornal que se publica há muitos anos: *A Voz do Operário*. A aspiração do jornal é legítima; desde que existe o *Jornal do Comércio*, que ele ocupe a situação a que tem jus. A fundação dum jornal é de tal magnitude, que duvida da sua realização. Quanto à ideia da aquisição dumha casa para sede da Federação das Associações Patronais, aprofia-a plenamente.

Em face do discurso do sr. Ribas de Avelar, volta o relator a usar da palavra, procurando rebater algumas das suas considerações. Um outro congressista, o sr. Marques Pinto, descobre que já existe a federação patronal: a União da Agricultura, Comércio e Indústria, o que deixa o auditório estupefacto!

São 18 horas! Finalmente! Os congressistas saem apressadamente e nós, dobrando filosoficamente os *linguados* enegrecidos de tinta, saímos não menos rapidamente, um pouco surpreendidos por assistirmos a um congresso na verdade tam pouco substancioso...

Foram presos José da Cruz, com a cintura, de S. Paulo, 20, 5.º, por estar numa taberna na rua dos Remadores, 42, com revolver carregado com cinco balas, que foi apreendido, e António Veloso, residente na rua Maria Pia, armado de pistola, com 3 tiros, sem ter licença de porte da arma, e tentou ainda agredir o guarda captor.

Também resolvem que todos estes sindicatos telegrafarem ao ministro do trabalho pedindo providências sobre as infrações à lei das 8 horas, visto neste momento.

Igualmente fez sentir a necessidade que há em preparar o povo para um comício público que a C. G. T. pensa em promover em todas as localidades do país, em dia designado, para o qual pede as direções presentes para que na primeira assembleia geral a realizar procurem reanimar o povo, para nesse dia memorável se fazer a grande parada de forças operárias.

Falou-se também sobre a cooperativa de consumo que havia sido projectada por esta União, lembrando-se mais uma vez a extrema necessidade em levantar a afeição dessa obra importante, ficando resolvido elaborar os estatutos afim de se lançarem as bases para a sua fundação.

Assalto frustrado

O 27 sargento José Baptista Viegas prendeu J. Loureiro e Martinho Alves, trabalhadores e residentes no pátio do Bruto, à rua Francisco de Oliveira, 10, que terem sido surpreendidos pelo soldado José da Cruz, que tentavam assaltar a fábrica de material de guerra, em Braga.

Mais se falou em organizar uma biblioteca, na sede da União dos Sindicatos, como propriedade sua com o fim de chamar a atenção do operariado.

Arrombamento e furto

Ao guarda 1165 foi comunicado por Henrique Soares, ligeiro do Cabeço de Bola, 15, 5.º, de que a porta do esquadroado do mesmo andar se encontrava irrompida, estando o respectivo inquilino, Manuel de Sá, ausente de Lisboa. A inquilina do andar, Maria dos Anjos, quando disse que o inquilino havia ido, pelas 14 horas, sentiu um estrondo superior vindo depois sentir dois rapazes, conduzindo um saco às costas e uma chapéu. A casa ficou guardada pela polícia.

Assalto frustrado

O 27 sargento José Baptista Viegas prendeu J. Loureiro e Martinho Alves, trabalhadores e residentes no pátio do Bruto, à rua Francisco de Oliveira, 10, que terem sido surpreendidos pelo soldado José da Cruz, que tentavam assaltar a fábrica de material de guerra, em Braga.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

THEATRO SÃO LUIZ  
HOJE — A celebre revista  
O PEDE DE MEIA  
ampliada com o novo acto intitulado  
O ROCIO

Nova fase, vida nova  
Encotou o Pé de Meia  
S. a 10 de Novembro.  
Estas mostras desde a estreia  
Que o povo também a aprova,  
Pois é sempre casa cheia.

O mais esplêndido, deslumbrante e instrutivo espetáculo para o povo

## Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

## Seção da Construção Civil do Alto do Pina.

Os operários cabouqueros que estão organizados nesta seção declararam ser falsa a notícia vinha do *Seculo* de 20, acerca do desastre do dia 18, sucedido na pedreira do sr. João Ribeiro. Diz o *Seculo* que Joaquim Fernandes é o industrial, o que é falso. O desastre também não se deu por culpa dos operários, mas sim por causa das suas ordens.

Mais declararam, os mesmos camaradas, que dando-se o desastre no dia 18, pelas 16 horas, logo as 8 do dia 19 foram trabalhar, mandando-os pôr de rampa o terreno que estava escavado, e que vitimou o nosso camarada do Sul e Sueste, António Díogo, para ser uma classe ordeira e altamente instruída, que sabe reclamar dentro dos principios da ordem e da justiça.

Miguel Correia diz que os operários

do Sul e Sueste trabalham pela emancipa-

ção, erguem a sua bandeira, simbolo do

despertar e a liberdade.

Os referidos operários resolveram

oficiar a F. N. C. C., a fim de que esta

vá junto da repartição de minas repara-

ção um fiscal para aquela área, senão

dentro em pouco, teremos a registrar

mais desastres determinados pelas

mesmas condições em que é exercido